A FEIRA DA LADRA

Off. o auctor

A FEIRA DA LADRA (1)

Salve tres vezes, veneravel feira!
Derradeiro degrau que o artefacto,
Cumprindo a lei inexoravel, cega,
Que imperios, tribus, monumentos, choças,
Astros, boninas condemnou á morte,
Desce para voltar a ser mesquinha
Materia-prima de futuras obras (2)!
Em ti se vê, num apertado espaço,
E em breves horas, quanto vale o mundo,
Quanto dos homens a vaidade insana.
Salve, monturo, onde o pobre e o rico
Avidos buscam as reliquias miseras
Do que foi bello, bom, sensato e util,
Inutil, parvo e até direi — nocivo!
Aqui a imagem, venerada outr'ora

Por milagrosa, que, em altar ornado,
Com luzes mil de adorações foi alvo (3),
Jaz indiff'rente, qual o fôra sempre,
Mas desprezada, sem incenso e culto —
Sorte fatal das decaídas glorias! —
Ali retratos, que os avós preclaros
A netos imbecís mal recordavam,
Á chuva, ao sol as côres vão perdendo,
'Té emfim se sumir de todo a effigie,
Como se esvaeceu o illustre nome
No lodaçal da geração corrupta:
E não raro tambem gentis semblantes,
Ou feios mónos, que a photographia
A cada passo com mão larga espalha,
A furto dados a formosos moços
Ou dignos machos das medonhas femeas.
Amor eterno se juravam todos;
Quantos mentiam, quantos se finaram
Amaldiçoando os traiçoeiros laços!
Além bojudo calhamaço insulso,
Obra de frade, forjador de pêtas (4),
E o sensato livrinho, humilde, ignoto,
Que desprezado foi e o ha de ser sempre,
Por isso mesmo que é sensato e util.
Mais longe vejo colossaes volumes (5):
São leis, decretos, alvarás, *Diarios,*

De mercês cheios, quantas immer'cidas (6)!
De pomposos discursos, declamados
No parlamento, em arraial tornado,
Por patriotas esfalfando os bofes,
Ao som de murros de arrombar carteiras,
Mirando só do campanario o applauso.
Codigos quantos, que viveram menos
Que os seus illustres, celebres auctores!
Vejo novellas mil, por fóra immundas (7),
Mais immundas por dentro, traduzidas
Em chulo portuguez de francez chôcho,
E outras, que originaes se apregoavam,
Apenas sendo imitações funestas
De tão ruins, pestiferos modelos.
Farças e dramas egualmente torpes,
Elevados ás nuvens por plateias
Dignas d'elles; e a gloria dos actores
Estudiosos, mas que ninguem sabe
Onde, quando e o que demo estudaram (8).
Collecções de jornaes... ai meus peccados!
Em que eu ía fallar, cala-te bôcca!
Se noutras eras o mexer com os frades
Fôra p'rigoso, o que sería agora
Bulir com quem lhes succedeu na faina
Do mundo dirigir por bons caminhos
(E em muitas cousas mais): tanto é verdade

Que nada morre; a fórma a cada instante
Se altera, a essencia permanece a mesma.
Basta por ora, de jornaes e frades (9)!

Espelhos vejo, que a velhice escarcha,
Como ha muito escarchou formosos rostos
Que, presumidos, se miravam nelles.
Castiçaes, lustres, candelabros, placas
De humilde zinco, imitação do bronze,
Que alumiaram, quando novos eram,
Alegres danças, festivaes banquetes,
Onde, qual nelles, a apparencia falsa
Mais que a verdade dominava em tôrno.

Veneranda candeia, em vão te busco,
Representante da romana lampada,
Ninguem te encontra já, salvo na aldeia.
Ali, suspensa da lareira ao muro,
Lanças ainda a luz escassa e tremula
Sobre a velha que fia, quaes outr'ora
As castas moças da nação togada (10).
Raro appareces, da candeia filho,
Candieiro amarello de tres bicos,
Irmão d'aquelle que me viu mil vezes
Com somno bocejar sobre os compendios
Na lusa Athenas, ha mais de oito lustros!

Vais fugindo tambem perante as luzes
Do petroleo, do gaz (e em breve dizem)
Do fluido ethereo, que, qual Prometheu,
O immortal Franklin roubou ás nuvens.
Banido estás, e assim a roca e a téia,
Mais os longos serões do frio inverno:
Hoje ha *soirées,* theatros, cavallinhos (11),
Ou cousas taes, pois distracções não faltam
(E, a cada passo, casas de penhores (12)).
O peior é que infames senhorios
Ousam, sem coração e sem vergonha,
Exigir o que é seu cada semestre!
Mas breve, espero, o catatáo lhes fazem (13).

Perante ti me curvo reverente,
Ó bacia de arame, que prestavas (14)
Serviços tantos, hoje divididos
Por varios outros utensilios novos,
Mais elegantes, não porém mais uteis.
Ora em ti se lavava o corpo todo
Da creança, ou por partes o d'aquelle
Que banheira não tinha; ora servias
Aos urgentes da casa ensaboados,
Ora ao escalda pés (*horresco ref'rens* (15))
Depois dos sinapismos (inda ao mundo
O sabio Rigollot não era vindo).

Louças da India, quem vos pilha agora!
Aqui, ali apenas alguns cacos;
Roubou-t'as o bazar, esse mau filho (16)
Que te despreza (qual o doutorado
A humildes paes, que, privações soffrendo,
O educaram e o fizeram gente)
Onde o ricaço, que o bom gosto ostenta (17),
Por moda ser, as compra a peso d'oiro.
E os charões do Japão, e os entalhados,
Embutidos bufetes, contadores,
Bojudas papeleiras de pau santo,
Cadeiras de espaldar e de moscovia,
Pannos de Arrás e outras mil alfaias
Que inda não foram pela barra fóra...

Mas a ti volto, feira, e agora vejo
Arcas de pinho dos boçaes gallegos,
Unicos trastes com o grabato immundo
Da immunda furna, onde desprezam dogmas
Da medicina, e no chiqueiro medram,
Nem se lavando, que a *sustancia perdem* (18)!
Irmãs d'aquella que o marçano leva,
Deixando o Minho, do Brazil ás terras;
Sóbe logo a caixeiro e é depois dono
(Que do patrão casou com a fusca filha)
De loja de bebidas, de *armarinho,*

Ou de *armazem de seccos e molhados* (19)...
Não mais direi, e a millionario chega.
Voltando á patria, onde, apezar do cambio,
Ergue um palacio, compra um viscondado
E deixa em testamento grossas sommas,
Para a alma salvar, ás Miser'cordias,
Ao Bom Jesus de Braga, e o nome illustra
Fundando eschola na materna aldeia
Onde não ha quem possa apprender nada.
Bem longe vão os venturosos tempos
Dos grandes ganhos a vender pretinhos—
Acabou no Brazil a escravatura!—
Batem palmas illustres philanthropos,
Que os pozeram com dono a tempo e a horas (20).
Todos *si congrátulam,* não cuidosos
Da mudança que, sem criterio feita,
De rijo lhes dará pela cabeça... (21)
Commodas vejo, muito procuradas
Pelas sopeiras que, aspirando a nupcias,
Com o crescente enxoval as vão enchendo.
O classico bahu d'antes compravam,
Seguia-se o capote, o cordão de oiro
(Recurso certo em apertados transes)
E julgavam-se bem apetrechadas.
Hoje compram chapéos, broches, pulseiras,
Mantiletes;... por isso vão chuchando

Dos caixeiros da baixa as excellencias (22);
E eis porque podem escolher a esmo
Entre mil corações, ardentes todos,
De carteiros, de cabos de policia,
Graves municipaes, nocturnos guardas,
Voluntarios bombeiros, aguerridos
Aos grandes p'rigos e, para o não chega,
(Dos cocheiros de praça não fallemos)
Da padaria os matutinos moços.
Ditosos elles e ditosas ellas!
Folgae, folgae, lanzudas mariposas,
'Té crestardes no lume as azas toscas,
Até que o tempo, que não pára, venha
Lançar nessa fervura, a baldes cheios,
Da realidade as regeladas aguas.
Comeis as carnes, roereis os ossos (23)!

Eil-o se extende o guarda-roupa humilde
Onde barato se enfarpela o pobre.
Quanta casaca tem de lá saído,
Voltado ali; descendo lentamente
Do marialva, que a deixou no prégo,
Ao criado de mesa afiambrado,
Ao moço do café, casa de pasto,
'Té ao *gato-pingado*; quantas calças,
Colletes, *palletots*, *quinzenas*, véstias (24)

Ahi se tem comprado e tem vendido!
Chapéos, cochichos, desbotados, calvos,
Alpendres que abrigaram cachimonias
Vis ou nobres, pedantes ou profundas,
E cascos ermos de quaesquer idéas.

Mais longe está o batalhão cerrado
De quanto já calçou pés delicados,
Desformes patas, um museu completo!
O sapatinho de setim, mimoso
Quando dançou no palco, andou nos bailes,
Gentil tyranno de dorídos calos;
A bota fina do criado herança
Que, a final, a vendeu ao ferro velho;
E a de bezerro, que lidou valente
A batalha da vida, apresentando
No velho rosto honrosas cicatrizes
Pelo vulgo mordaz chamadas tombas,
Ou transformada em torto e vil chinelo.

Armas não faltam, mais ou menos virgens (25),
Nem podiam faltar; tantas se importam
Todos os annos, que milagre fôra
O não as encontrar a cada passo (26).
(*Arma virumque,* diz Virgilio, e eu acho (27)
Que a proporção nos calha — muitas armas,

Mas homens poucos, e que trema a Europa;
Mórmente agora, que balões já temos
E breve vamos ter pombaes de guerra (28)!)
Pistolas, sabres, espingardas, lanças,
Que os homens loucos sem cessar fabricam,
Como se não bastassem fomes, pestes,
(Medicos, dizem viperinas linguas)
E o tempo, emfim, para lhes dar a cresta.
Ali póde tambem comprar barato
A navalha de ponta o vil fadista,
Tão prohibida, mas que tem despacho
E ás escancras se vende em toda a parte (29)!

Não faltam nunca, procuradas sempre (30)
Ferragens mil, que a ferrugenta lepra
Pouco a pouco roendo em pó transforma.
Cadeiras, mesas e a tripeça classica,
(As Pythonizas da tripeça oravam).
Nella sentado o remendão outr'ora,
Em horas vagas soletrava as rimas
Do propheta Bandarra, hoje suppridas
Pela sciencia, que a dez réis lhe impingem;
Bebida a qual, mui ancho toma contas
Aos governos do mundo, e, legislando,
A patria num momento e a Europa inteira
Põe no são, como o faz ás botas velhas (31)

Que de ha muito reclamam meias-solas...
Bancas e bancos que, se um dia quebram,
Com pouco grude se concertam logo
E não deixam ninguem pedindo esmola.
Louças sarnosas, cafeteiras, potes,
Colxões, enxergas, mais ou menos podres,
Onde muitos nasceram e onde muitos
Expiraram tambem; alguns mimosos,
De conchegos cercados; porém quantos
Ardendo em febre, sem que mão amiga
D'agua uma sêde lhes chegasse aos labios!...
....
Avante! Ávante! Mas que Pandemonium (32),
Que campo de batalha, comparavel
Ao de Waterloo, ante meus olhos surge!
Cousas sem fórma, miseras ruinas
Do que um nome e um emprego outr'ora teve,
E que fazem pasmar, não de haver gente
Que as pretenda vender, mas quem as compre!

Reliquias santas de ineffaveis jubilos
De fundas máguas, quem vos preza agora (33)!
A symbolica flor, que a neve pura
Das pétalas juntou á ingenua fronte,
Rubra de pejo em venturoso dia,
Ali jaz negra de vil pó e lodo,

Qual a virgem, que a trouxe na capella,
Na cova ha muito está dos vermes pasto.
Oh quantos mimos, que adorados foram
Qu'ridos signaes ao coração lembrando
O esposo, o filho, ou do chorado amigo,
Já moribundo, o derradeiro abraço,
Pés indiff'rentes com desprezo calcam!
Tudo era pó e em pó se tornou tudo.

Eu não quizera a castelhana tuba
Que, segundo Camões o affirma, soube
Assustar Tejo e Douro e ao Guadiana
Fazer voltar atrás torvadas aguas;
Mas o grande trombone, que ha de um dia
Vivos e mortos convocar a contas.
Com toda a força dos pulmões soprando,
Chamára então á antiga vida quanto
Aqui seus restos apresenta sordidos.
Phantastica visão, comica e triste!
Oh que de cousas, por antigas novas,
A nossa geração scismar fariam
Para lhes descobrir um nome e um uso!
De quantas outras, que o geral applauso
Ergueu ás nuvens, desviára os olhos!
Serios conflictos, certo, não faltavam
Entre antigas alfaias, moveis, roupas,

E as mais modernas que, com parte d'ellas,
Atamancadas, bem ou mal, estavam...
Perde um santo a cabeça, aproveitada
D'outro, porque a julgaram mais formosa (34)
E larga o rabo alheio a caçarola.
Correndo vão no campo braços, pernas
De cadeiras, de mesas, em procura
Dos seus antigos corpos: eis resurgem
Capotes, paes de varios capotinhos (35),
Saias de seda velha que, tingidas,
Inda brilharam em chapéos com plumas,
Paternas calças, que amoldadas foram
Aos meninos por destras costureiras —
Tanto é geral da evolução o dogma! —
Desertam mil fundilhos, indignados
De os terem presos em logar tão pifio;
Folgam as chancas, já de tombas livres!

Não mais, ó Musa, só podéra Ovidio,
O grande narigudo, abandonando (36)
(Bem asno fôra se caísse nessa)
O suave cavaco dos poetas
Que, ha seculos, com elle ledos calcam
As fofas relvas dos Elysios campos,
Do que cantou, cantando ora o contrario,
Taes *desmetamorphoses* descrever-nos.

Feira da santa ladra, ou da lazeira (37),
(Pelo nome não percas, velha amiga,
Deixo a grave questão aos eruditos,
Mórmente áquelles, que, quaes cogumelos
De vis estrumes rapido surgindo,
Se improvisaram num momento sabios;
Apregoados uns talentos unicos,
Sem mais exame, pelos seus donatos,
A quem igual incenso elles tributam:
Zurrando assim de gaudio, dois jumentos (38)
Mutuamente se coçam; rev'rendissimas
De egual modo trocavam os dois leigos,
E, a cada passo, vês que assim se aclamam
Homens de bem, os mais safados biltres (39))!
Salve, tres vezes, veneravel feira!
Achei-te velha já, quando menino,
E ora te deixo, eu, alquebrado e velho,
Tu, o que sempre foste e has de ser sempre:
Leis, crenças, usos, modas, tudo muda,
Tu permaneces, qual barril do lixo,
Para que, cedo ou tarde, em ti recolhas
Das batalhas da vida os vãos despojos!

NOTAS

(1) *A feira da ladra*

Estou persuadido de que a palavra—*ladra*—não é aqui o feminino de *ladrão*, mas sim de *lazaro* ou *ladro*, isto é, lazarento, miseravel. Houve antigamente em París uma celebre feira de *Saint-Ladre*, em vez de *Saint-Lazare*, e davam os francezes o nome de *ladreries* aos hospitaes de leprosos. Nós ainda a estes chamâmos—*lazaros*, e á pobreza acompanhada de miseria e de immundicie,—*lazeira*, termo que tambem já significou—*lepra*.

Temos ainda o nome de um insecto nojento *(ladro)*, provavelmente assim chamado por acompanhar a immundicie *(lazeira)* e produzir uma irritação na pelle.

Jorge Ferreira de Vasconcellos diz na sua Eufrosina—*Feira da santa ladra*, querendo talvez significar da pobreza, miseria, á qual na mesma peça chama *lazeira*.

Não pretendendo, por quanto deixo dicto, ter achado a etymologia da palavra; parece-me, comtudo, não ser inadmissivel que, tomando *ladra* como feminino de *ladro*, e este como significando leproso, lazarento, immundo, pobre, *feira da ladra* ou *feira ladra* indica bem o que ella é e foi, salvo em epochas excepcionaes, quando cousas ricas e até preciosas lá foram parar, como aconteceu depois de 1833, pelos motivos que todos conhecem.

É certo que esta feira é antiquissima, fazendo-se ás terças-feiras no Rocio, juntamente com a de fructas,

hortaliças, mercearias e até gado. Era a feira da semana, que ainda se encontra em muitas terras do reino. Uma parte d'ella passou provavelmente para a praça da Figueira, e outra para a da Alegria. D'aqui foi, por edital de 27 de abril de 1835, transferida para o Campo de Sant'Anna, dando por esse tempo nascença a varios bazares. É a sua epocha de gloria em tempos modernos; finalmente, está hoje no campo de Santa Clara, onde ainda todas as semanas attrahe immensa concorrencia!

Ha quem diga que o nome de «ladra» vem de «lada» por antigamente esta feira se fazer á margem do Tejo. Se a palavra «lada» significou margem, o que não parece exacto (V. *Elucidario*, v.º «lada») e a feira ali se fez (o que não vejo provado), já aqui não está quem fallou.

Não tenhamos vergonha da nossa velha feira; semelhantes se encontram nas primeiras cidades do mundo. Toda a casa por mais rica que seja (e por isso mesmo que é rica) ha de ter um barril do lixo, onde se lancem cousas que ainda são uteis para muitos, e onde não raro vão sumir-se algumas de subido valor.

(2) *Materia-prima de futuras obras!*

Muitos objectos que ali se encontram só podem aproveitar-se, mais cedo ou mais tarde, como materia-prima para novos artefactos ou concertos de outros.

(3) *Com luzes mil de adorações foi alvo,*

Todos sabem que o culto das imagens permittido pela Igreja não é o de adoração, o que seria idolatria

(como a palavra o indica); mas só não sabe quem o não quizer saber, que muita gente, na melhor boa-fé, adora as imagens; pois imagina que esta, e não outra, lhe póde alcançar o que pede ao santo que ella representa.

Os pagãos tambem sabiam que as estatuas só representavam os deuses, mas não deixavam de ser idolatras.

(4) *Obra de frade, forjador de petas,*

Nem todos o foram, porém muitos e de grandissimas. Nem é para admirar, quando escreviam sobre o que necessariamente ignoravam. Uma d'aquellas tenho eu que não dava por muitas vezes o preço que me custou ha uns quarenta annos... É o—*Divertimento erudito,* especie de encyclopedia em quatro volumes, *in-4.º*, obra de fr. João Pacheco, eremita agustiniano, residente no convento de Nossa Senhora da Graça e pregador geral da sua ordem, publicada na officina Agustiniana, em 1734, com todas as licenças necessarias e os maiores elogios do Santo Officio, *et reliqua.* Erudita sería a obra para o seu tempo (pelo menos entre nós); divertida e divertidissima é de certo agora; e assim quantas? As proprias *Chronicas,* pela maior parte só tem valor no que dizem relativo ao tempo em que seus auctores as escreveram, feito o desconto das influencias que sobre elles actuaram. Assim tambem o theatro classico francez nos apresenta os costumes e idéas das côrtes de Luiz XIV e XV, e nada tem que fazer com os gregos e romanos, que pretendia pôr em scena.

(5) *Mais longe vejo colossaes volumes:*

Enormes os formatos tanto do *Diario do governo* como da *Legislação;* havendo a notar nesta, não poucas vezes, deficiencia...

(6) *De mercês cheios, quantas immer'cidas*

A respeito de condecorações li, ha tempo, na revista politica e litteraria franceza, pouco mais ou menos, o seguinte:—«Não; um bocadinho de fita não é cousa sem valor: é a moeda com que um paiz paga o que não se póde pagar de outro modo... não desacreditemos uma tal moeda, não digamos que vale menos do que se acredita: caluda! em quanto a acceitarem, muito parvos seriamos se não a empregassemos em troca do que homens de boa-fé nos dão por ella: alguma energia, algum talento e alguma virtude.»

Não me soffre a consciencia o omittir aqui a resposta do bispo de Coimbra, D. Joanne Mendes de Tavora (1638-1646), a um figurão que queria receber d'elle o tratamento de—senhoria:— «que assim como negal-a a quem a tinha *de jure* era injuria, o dal-a a quem não a tinha era injuriar os outros.» E não se riam do profundo dicto do bispo os *chumecos,* que hoje trocam excellencias com os seus congeneres, pois se riem assim de si proprios; tanto mais que a sentença vai muito mais alem do que parece ir, pois é applicavel todas as vezes que se trata—um analphabeto de erudito; um parvo, de atilado; um biltre, de homem pe bem.

(7) *Vejo novellas mil por fóra immundas*

A respeito de novellas francezas, quanto menos se lhes mexer melhor. Ha ainda algumas boas, que são: —*rari nantes in cloaca vasta.* A maior parte das portuguezas *originaes* (e bem assim os dramas e comedias com essas pretensões) não passam de indigestões de taes fructos; mudem os nomes das pessoas e dos sitios, e verão se érro.

(8) *Onde, quando, e o que demo estudaram.*

A maior parte não foi de certo no conservatorio, nem nos lyceus, nem ainda nas aulas de primeiras-lettras. Ha uma jerarchia creada pelos pseudo-admiradores dos comediantes: uns são genios e *talentos inexcediveis* (sic); outros, talentosos; emfim outros, estudiosos. Tambem, com relação ás duas primeiras classes se annunciam as *festas artisticas* (vale um dinheirão este systema de pedir favores de chapéo na cabeça e mão na ilharga!); e á terceira os *beneficios.*

(9) *Basta por ora de jornaes e frades!*

Voltarei ao assumpto, se conseguir acabar uma *Trilogia,* que de ha muito me anda aos tombos na cabeça.

(10) *As castas moças da nação togada*

Diz o Tolentino:

«Fiavam grosseiras lãs
As castas moças romanas.»

(11) *«Bem haja o povo que se diverte»*

Escrevia não ha muito um grande publicista de dez réis. Concordo; mas, povo, burguezia ou nobreza, divirta-se quem se póde divertir, sem faltar aos seus compromissos e negar o pão á sua mulher e filhos.

(12) *(E a cada passo casas de penhores)*

Quando haverá uma alma caritativa que acabe com esta peste, como se acabou com as rodas dos engeitados! A estas davam por desculpa o salvar a honra de alguma donzella que escorregava; e alem de serem a repetição diaria da matança dos innocentes, eram o incentivo para dar cambalhotas e a capa com que gente, mais ou menos casada, se descartava dos filhos; dão áquellas, o accudir aos desgraçados, o que póde ser como excepção, sendo em regra a tentação para imprudencias e ladroeiras; pois para lá correm logo os larapios a empenhar (ou a vender ao desbarate) os furtos que fazem. Quem frequentar a Boa-Hora verá se minto.

(13) *Mas breve, espero, o catatáo lhes fazem*

«Bem haja o povo que se diverte» dizia o tal publicista, mas quando o senhorio põe na rua quem não paga é: *«o bom do senhorio!»*

Não defendo a minha causa; não tenho casas para alugar, e, se as tivesse, vendi-as, para não aturar certos inquilinos. Nem julgo que não haja senhorios que procurem abusar; mas para esses lá está o correctivo de lhes ficarem as casas aos ratos.

Tudo tem encarecido e não pouco o trabalho das classes populares; os senhorios é que deviam, na opinião dos taes philanthropos, conservar as rendas antigas para os inquilinos se divertirem mais á vontade.

Falla-se muito em construir casas baratas para os pobres (já se sabe, á custa da barba-longa); isto é, mais um tributo não só sobre os ricos (que poucos são), mas sobre os remediados que trabalham. Não ha melhor flandres do que esta philanthropia, á custa da bolsa alheia! E «bem haja o povo que se diverte», e haja muitos espectaculos e muitas patuscadas a Cintra e até ao Bussaco! e o *bom do senhorio* que tome tento!

Diz, entre muitas outras cousas sensatas, fundando-se em inqueritos e estatisticas officiaes, M. Jules Rochard, num artigo da *Revista dos dois mundos* (15 de maio de 1888):

«Quanto mais os povos progridem, tanto menos se deve sentir a acção do estado. Exigir da sociedade que auxilie todos os seus membros, que de auxilio carecerem, alojando-os e sustentando-os em todas as phases da vida; que lhes garanta trabalho em quanto validos, uma aposentação na velhice, e uma pensão ás familias, é a mais perigosa das utopias.

«A propriedade da casa individual para a classe operaria tem grandes inconvenientes: dá logar a demasiada agglomeração de individuos, se a familia augmenta, e a sublocação, sobrevindo penuria... demais, morrendo o chefe da familia, lá se vende a casa, passando á mão de senhorios.

«A solução inevitavel é a da casa collectiva. A renda póde ser accessivel a todas as familias de operarios

probos e laboriosos, e é certo que não se deve dar aos demais um beneficio que não merecem.

«A grande difficuldade quanto a estas moradas consiste na administração, na incerteza dos pagamentos, na vigilancia contínua que exige a manutenção da ordem e do asseio em semelhantes predios...»

E note-se, não dá o problema como resolvido, nem quer que taes moradas sejam feitas á custa da barbalonga, nem que deixem de render um juro rasoavel. Forte parvo que estuda, quando seguindo uns analphabetos podia decretar *ex cathedra* a philanthropia á custa alheia.

(14) *Ó bacia de arame que prestavas*

Assim chamada de *airain*, francez, ou do latim *aeramen,* significando metal amarello, latão; vinham e julgo que vem da Hollanda, ainda um pouco toscas, sendo aqui armadas.

(15) *Ora ao escalda-pés (horresco ref'rens!)*

Talvez alguma senhora não perceba este latinorio, estropiado por causa do rythmo, e que quer dizer: — horroriso-me de o contar. Ainda me lembra tão selvagem e estupido tormento. Houve quem ficasse com os pés cozidos a ponto de lhe gangrenarem!

(16) *Roubou-t'as o bazar, esse mau filho*

V. a segunda parte da nota (1).

(17) *Onde o ricaço que o bom gosto ostenta*

Nem todos os ricos compram alfaias ou trastes antigos por ostentação; pois muito influe a moda e, em alguns, um certo sentimento poetico pelas cousas de outro tempo. Todas aquellas preciosidades já ornaram salas, depois, pela attracção da novidade foram desterradas para as aguas furtadas e sitios peiores, chegando algumas a cavallariças e tabernas; e quantas destruidas!

(18) *Nem se lavando que a «sustancia perdem!»*

Assim, parece, dizem os gallegos; e, se mal o dizem peior o fazem. Verdade é que se fossem seguidos á risca os preceitos de alguns hygienistas, a maior parte da gente não tinha meios para alojamentos, roupas, asseio...

A hygiene, como muitas outras cousas, é relativa: assim o pensava o grande Bouchardat.

(19) *De loja de bebidas, de armarinho,*
Ou de armazem de seccos e molhados...

Armarinho significa mui approximadamente a nossa antiga loja de capella. Quanto ao tal armazem é uma especie de mercearia mais ou menos encyclopedica, segundo as exigencias da localidade.

Longe de mim o criticar a grandissima maioria dos homens de boa vontade que expõem a sua vida para alcançar a fortuna que não acham na patria. Cha-

mam-os—brazileiros, quando são emigrantes que recolhem ricos, mas saudosos, aos seus lares, trazendo o bem-estar ás familias (que, ainda ausentes, auxiliavam) e concorrendo valiosamente para o bem geral do paiz. O Brazil é hoje, como nunca, uma das nossas fontes de riqueza; por isso, não posso ouvir a sangue-frio o que por ahi se parlapateia quanto á emigração e á colonisação do Alemtejo,—perdoae-lhes, Senhor!— Como se o Alemtejo não estivesse quasi (eu digo quasi) amanhado como o póde ser, e houvesse comparação possivel entre os resultados que se poderiam esperar de tal colonisação e os que se alcançam no Brazil. De mais, os que do Minho para lá emigram vão occupar-se de negocio, e só por excepção de agricultura, para a qual não são aptos naquelle clima, como o não seriam no Alemtejo. Quanto a impedir a emigração, tal disparate não tem resposta. Impeçam abusos, protejam os emigrantes, e deixem obrar o senso-commum, com o qual andam de candeias ás avessas.

Tambem não critico, em geral, a fundação das escolas, mas não deixa de ser verdade, que não poucas são inuteis por não terem quem as frequente. Ainda ha pouco constou fecharem uma nocturna no *Porto*. E na aldeia? Os rapazes em idade de apprenderem já ajudam seus paes a ganhar pão durante o dia; e hão de ir á noite... dormir para a escola? tremendo pelo caminho de frio ou com medo das bruxas? E quando, depois de muitos esforços, alcançarem ler e escrever mal, vão-lhes perguntar por isso passados annos...

O que só quero concluir é que ha muitas illusões nessas, aliás louvaveis, intenções.

(20) *Que os pozeram com dono a tempo e a horas*

Consta que muitos e dos mais graudos assim o fizeram. Até ahi não os censuro; mas arvorarem-se depois em negrophilos e sublimes philanthropos á custa alheia, já é descaro!

(21) *De rijo lhes dará pela cabeça...*

Oxalá que eu me engane; mas no meu entender (e de mais alguem, v. g., Gustave Lebon) ha tanto a esperar que os pretos libertos se accommodem ao trabalho, como que se façam brancos. Vejam o que se tem passado em S. Domingos; o preto sempre que possa ha de fazer do paiz que habitar uma costa de Africa, como o porco tornaria chiqueiro uma sala alcatifada.

Ha provincias no Brazil para onde não irão estabelecer-se colonos da Europa; terão de lançar mão dos chins, mas parece que os não querem. Nem se diga que os Estados-Unidos do sul foram obrigados a acabar com a escravatura e que pouco soffreram. Não ha comparação possivel entre os dois paizes quanto ao clima, o genero de cultura e a proporção da raça branca e preta. Demais, não faltam nem faltarão immigrantes aos Estados-Unidos, antes parece que já cuidam em pôr-lhes difficuldades.

Se o Brazil podesse transportar os pretos para as terras da sua naturalidade ou origem, ainda o caso não era tão ruim; mas tem de ficar com aquelle fermento, e deixem trabalhar os *amigos* da... *humanidade* (não lhes pedem licença) aquelle elemento para os seus

fins politicos e sociaes, e verão o bom e o bonito; isto sem fallar da selvagem e injusta espoliação.

O cambio e a febre amarella tem sido dois grandes flagellos para o Brazil e para nós; oxalá não seja peior a abolição da escravatura *conforme foi feita.*

(22) *Dos caixeiros da baixa as excellencias;*

Eu não critico o facto, antes lhe acho graça; mas é ridiculo e nos tornaria caricatos aos olhos dos estrangeiros, se... Ha de ter um termo, não sei como, e pouco se me dá. Em Italia, segundo me consta, tratam a todos por—*ella* (que se refere a excellencia); mas na sociedade e na côrte nem aos condes e outros figurões se dá excellencia.

(23) *Comeis as carnes, roereis os ossos!*

Hão de roel-os de certo; mas, entretanto quem os roe são os patrões. A domesticidade, mórmente com relação aos homens, vai-se tornando impossivel por toda a parte, e é natural que assim seja. Pelo que se vê em paizes mais adiantados, já se póde prever que não fará falta.

(24) *Colletes, paletots, quinzenas, véstias*

Todos sabem a origem da palavra *paletot,* muito bem aproveitada do francez; mas talvez muitos ignorem a de *quinzena.* Nasceu nos tempos calamitosos por causa das luctas entre cabralistas e patuleas, em que os pobres empregados publicos eram pagos ás *quinzenas* (quando calhava), d'ahi a fateota nova era muitas ve-

zes o signal de seu dono ter recebido o vencimento, e d'elle tomou o nome.

(25) *Armas não faltam, mais ou menos virgens,*

Diz Tolentino na sua satyra — *O bilhar:*

«Outro prova no chão a ponta fria
De luzidio virginal florete.»

(26) *O não as encontrar a cada passo*

Parece-me não exaggerar. Continuamente se está fallando em armas que vieram para o exercito. O que mais custa é o que ellas custam, e dizer-se sempre que o exercito não tem armamento capaz!

(27) *Arma virumque,* as armas e o varão, disse Virgilio, porque Eneas era o seu heroe. *As armas e os varões,* diz o nosso epico, porque os seus heroes eram os descendentes de Luso, os Lusiadas; e d'ahi, como todos sabem, o nome do poema, e não de Luiz, como disse um auctor francez, já não sei se La Harpe, se Voltaire!

(28) *E breve vamos ter pombaes de guerra!*

Dirão — a ignorancia é muito atrevida — é certo; mas não é menos verdade que — a sabença fóra de proposito é muito ridicula; e talvez gente, aliás sensata, não alcance a utilidade que possamos obter dos taes balões e pombaes.

Esta ridicula mania de macaquear, a torto e a direito,

quanto lá se faz por fóra, traz-me á lembrança uma fabula, que ha pouco li. Eil-a:

OS DOIS FRADES

Um frade *bernardo* e um *bento*
Foram juntos viajar.
Áquelle os do seu convento
Recommendam mil cuidados,
Não lhe sejam criticados
Alguns actos, alguns dictos.
Respondeu-lhes: — Deixem 'star;
Por mim não fiquem afflictos:
Tenciono só repetir
Quantas palavras lhe ouvir
E quantas acções fizer.
Assim foi e vai andando,
Precipicios evitando,
'Té que se extende ao comprido.
Num jantar, sendo pedido
Ao *bento* a mesa benzer,
— *Benedictus benedicat* —
Diz este e a benção lançou.
— *Bernardus bernardat* — disse
Logo após elle o javardo
Do *bernardo*,
E muito concho ficou,
No meio de gargalhadas,
Inconscio da bernardice.

Bernardos temos aos centos
Imitando assim os *bentos*
Das nações civilisadas.

(29) *E ás escancras se vende em toda a parte!*

Ha armas que se podem trazer com previa licença ou porte de armas; não assim a navalha de ponta e mola; basta trazel-a para ser crime, e não ha auctorisação que tal desculpe. Comtudo, as que vem do estrangeiro são despachadas, e todas se vendem sem rebuço!

(30) *Não faltam nunca, procuradas sempre*

É um dos grandes negocios da feira; até aos vendilhões de cousas em segunda-mão, se chama vulgarmente ferros-velhos, embora os não vendam.

(31) *Põe no são, como o faz ás botas velhas*

E será só o remendão que assim pratica?

(32) *Avante! Ávante! Mas que Pandemonium*

Confusão, balburdia,—palavra inventada por Milton no seu *Paraizo perdido,* para significar o parlamento dos demonios.

(33) *Reliquias santas de ineffaveis jubilos,*

Tristissimo, mas verdadeiro. Quantas cousas ali vemos que tiveram, ao menos breves instantes, um valor moral incalculavel! Quantas que estimamos terão a mesma sorte!

(34) *D'outro, porque a julgaram mais formosa*

Lembra-me um facto d'estes. Indo a casa do chamado desembargador Neto, um dos auctores do *Codigo penal*

de 1852 e celebre annotador da *Novissima Reforma Judiciaria,* mostrou-me elle uma imagem do Menino Jesus, á qual tinha adaptado a cabeça de outro, por a julgar mais perfeita.

Todos sabem que a cabeça da figura principal no grupo do Laocoonte não passa por ser a primitiva. E quantas estão e estiveram assim em logar de outras! Ainda quando se escolhe uma que seja melhor, como fez el-rei D. José...

(35) *Capotes, paes de varios capotinhos*

Diz o nosso Nicolau Tolentino:

«Pobre alfaiate vizinho
D'um capote de meu pae
Me engenhou um capotinho.»

(36) *O grande narigudo, abandonando*

Ovidio Nazão, isto é —narigudo—, auctor das celebres *Metamorphoses* que o immortalisaram.

(37) *Feira da santa ladra, ou da lazeira*

V. a nota (1).

(38) *Zurrando assim de gaudio, dois jumentos*

Asinus asinum fricat, diziam os latinos; nós dizemos — os leigos a darem-se reverendissimas.

(39) *Homens de bem, os mais safados biltres!*

V. o final da nota (6).